

HAROLDO DE CAMPOS - TURGIMANO A MANO NO ALEPH

Ino na trilha do próprio (transcriador) transcrito
 que dissa "o melhor leitor é o trsdutor", diria que
 "o melhor ouvinte é o que transcreve o texto ouvido".
 Fiz tal exercício ouvir/transcrever (e ver) com o ds
 poimanto, gravado em vídeo, que Haroldo de Campos
 deu ao corpo editorial da revista Fahrenheit 451 e à
 Prof^a Eneida Maria da Souza, durante o 29º Simpósio
da Literatura Comparada, realizado em Belo Horizon -
 ta, am outubro de 1986. Este ato sa assemelhou a u-
 ma transcrição da um texto de Guimarães Rosa lido
 por E.E. Cummings; os vários tons e semi-tons, os lap-
 sos - tradução por tradição -, as veredas-surpresas,
 tudo sa mistura ao próprio narrsr. Busquei a fide-
 lidade incerta do ouvido. Como um grafita, num dos mu-
 ros da cidade, "Vivi, sou louco por ti", que teva o
por ti, num lance do acaso, apagado, diria "ouvi, sou
 louco", ou melhor "ouvi, isto é pouco?"

Marcelo Dolabela

- P. (Marcelo D.) - Que paralelo você faria entre o poema PÓS-TUDO, de Augusto de Campos, e o seu Minima Moralia, que diz "já fiz de tudo com as palavras/agora quero fazer de nada" (...)?
- R. Engraçado, Augusto e eu somos irmãos extremamente ligados pelo nosso trabalho poético, eu, às vezes, brinco pegando a palavra turgimão, uma palavra curiosa, que veio do árabe, que também é dragomano e significa os intérpretes das línguas orientais, realmente, é assim que está dicionarizada, mas também significa tradutor, TURGIMÃO, TURGIMANO, DRACOMANO, eu digo que nós dois somos TURGIMANOS SIAMESMOS, inclusive, já trabalhamos em traduções juntos, os fragmentos de Joyce, do Pound. Agora, curiosamente, nosso trabalho se desenvolve independentemente, sobretudo nos últimos tempos. Eu tenho contato diário com o Augusto por telefone, mas eu não sei a poesia que ele está fazendo, nem ele sabe a poesia que eu estou fazendo, eu leio o Augusto na página do Folhetim, como você, e ele me lê também nas minhas publicações, uma ou outra vez ele me diz "olha eu estou fazendo tal coisa", mas eu vejo o trabalho publicado, o PÓS-TUDO, eu vi publicado. Este poema meu (Minima Moralia) ele conheceu na edição do Educação dos Cinco Sentidos, ele leu no mesmo momento em que o leitor: No começo do nosso trabalho poético, Augusto, eu e Dêcio não fazíamos um trabalho sem mostrar aos outros; no momento em que cada um teve seu caminho, quando a coisa perdeu aquele caráter de movimento e de plano piloto, cada um faz o seu trabalho, não que cada um não aprecie o trabalho do outro, mas não há mais tempo, cada um tem suas preocupações, etc (...); o Augusto chega pra mim e diz "acabei de preparar um novo livro, tenho o Hérodíade, de Mallarmé, e La Jeune Parque, de Paul Valéry, traduzidos, eu digo "puxa, como você fez isto, já tá pronto"; e são poemas longos, muito difíceis. Ele fez essas traduções e eu tomei conhecimento depois de feitas, e ambos são textos que eu curto muito e ele poderia, se quisesse, ter conversado comigo, mas ele sabe que eu estou numa outra coisa, enfia do nessa sedução pela Cabaça Hebraica... acho que devo ter antecedentes sefarditas, em Portugal, de repente, eu me vi às voltas com esta coisa, esta solicitação das raízes, então eu não vou ficar incomodando o Augusto com meus problemas, nem ele a mim com as suas coisas, uma ou outra vez a gente

se comunica nestes termos, é claro, se eu tivesse alguma dificuldade específica eu iria perguntar "o que você acha? qual sua opinião?". São coincidências no nosso percurso, como, por exemplo, o Pós-Utópico, o Augusto conhecia o meu conceito, que saiu num livro elaborado sobre o Goethe, mas eu não acho que aquilo tenha determinado o poema PÓS-TUDO. O poema tem muito a ver com a produção do Augusto; era de se esperar que alguém que já escreveu Tudo foi dito, de repente, chegasse a isso, então, há coincidências, agora, nem tudo está no mesmo horizonte. Eu fiz esse meu poema (...), é muito irônico, é assim uma espécie de descontração, quer dizer "tô cansado de (simplesmente) ficar obrigado a me programar a cada novo poema para uma nova invenção, agora, deixe solto, deixa af, eu não quero fazer de nada, vamos relaxar, vamos partir pra outra e quem sabe saia alguma coisa, não é?, agora quero fazer de nada, quero dizer, quero fazer de nada e quero fazer alguma coisa que venha do nada, chega de programar, vamos tentar pensar uma coisa que venha de nada (...)" .

- P. (Ana Caetano) - (...) Você está com uma paixão pelo hebraico, queria saber se tem a ver com a teoria da tradução de Benjamin, com essas idéias da Cabala, algo com o lado mais ideológico do Benjamin, ou se é uma paixão pura e simples?
- R. Bem, eu fui muito motivado na minha relação com o idioma hebraico, por minha amizade antiga com Jacó Guinsburg, (...) com o Bóris Schnaiderman, embora o Bóris não tenha nada a ver com o hebraico, com o falecido e saudoso Anatol Rosenfeld, com quem eu tive uma relação mais distante, mas a quem eu admirava muito, com quem colaborei, algumas vezes, traduzi, por exemplo, poemas de Hölderlin; ele verteu dois fragmentos das Galáxias para o alemão (...) Tudo isso era (importante) para meu interesse. E quando eu me decidi, realmente, me decidi (...) traduzir fragmentos da poesia bíblica. (...) Mas de fato essa decisão foi uma decisão grave que tomei, pois me dá um trabalho colossal. Eu, até hoje, desde 83, com alguns intervalos, no período das viagens, período que eu tive problemas de saúde, eu mantenho esse estudo duas vezes por semana. Eu tenho aulas particulares com uma professora de hebraico, (...) eu, às vezes, sinto que, como aluno, deveria ser palmatoado porque, às vezes, não decoro muito bem a

lição, eu estou cansado e estudar uma língua, como eu estou estudando, não é simplesmente fazer as coisas prazerosas, (...), eu estudo uma língua falada, o hivrit, que se fala em Israel, que é o hebraico bíblico reposto em circulação, que tem o mesmo vocabulário, a mesma estrutura sintática, claro que há portes de palavra, palavras exigidas para novas situações. (...) Eu tenho que aprender aquela coisa de que cor é o pavão?, aquela coisa que o Oswald brinca na Escola Berli - tes, às vezes, eu não estou muito motivado para aprender como se diz os nomes de todos os objetos de uma mesa de refeição, (...), não é aquilo que me motiva, mas eu tenho que estudar aquilo, tenho que estar com o motor quente para poder trabalhar com a língua, pois se eu não estudar todo dia, eu esqueço; não há parâmetros de semelhança com o português, nem com as outras línguas que eu conheço, o vocabulário, pra mim é quase que totalmente novo, eu tenho que fazer as associações mais absurdas para poder reter uma palavra, me recordo que ontem em hivrit se diz etmól, eu disse "mas que palavra estranha, eu preciso encontrar alguma coisa mnemônica para não esquecer essa palavra", eu me lembrei que etimologia tem alguma coisa a ver com o passado, não tem nada a ver com etmól, por coincidência, eu disse "etmól/etimologia/"ontem", nunca mais me esqueci; você imagina, a cada palavra, ter que fazer esse tipo de operação, não dá... é uma dificuldade, mas eu digo que, nos momentos de stress, eu consegui me curar, não com remédios nem com médicos, mas dando em cima do hebraico, três, quatro horas por dia, até desesperar e esquecer a fossa, de fato, a dificuldade material dissipa a dificuldade imaterial, então, foi assim essa relação.

P. (Prof^a Eneida) - Bem, não é uma pergunta, é apenas uma reflexão que venho fazendo, há alguns anos, a respeito de sua Teoria da Tradução. Em relação ao meu trabalho com Teoria da Literatura, quando as pessoas me perguntam se eu estou trabalhando com tradução, acham engraçado eu dizer que não (...), e tenho de explicar que a teoria da tradução é uma forma de aprimorar o meu instrumental teórico, pois eu acho que essa teoria esclarece os conceitos de paródia, de plágio, etc., e hoje, na sua conferência, eu senti que uma preocupação, já existente nos meus trabalhos com a Semiótica, a relação da tradução com o leitor, está bem mais aprimorada, principal -

mente quando fala da Estética da Recepção...

R. Eu diria o seguinte, eu acho que quem se dedica à Teoria Literária tem na teoria e na prática da tradução, ou nesta prática teórica que é a tradução, e na reflexão sobre esta prática teórica, uma espécie de pedra de toque ou campo, até por excelência, de toda reflexão possível desse campo teórico literário; eu diria, e não é que eu esteja tentando reivindicar a água para o meu moinho, que quando você se preocupa com a Teoria da Tradução, no campo da Teoria da Literatura, está dando à Teoria Literária o seu sentido exato e verdadeiro; quem questiona essa posição não pensou a tradução a não ser em termos de uma teoria ultrapassada, de tradução servil, como um adminículo secundário na transmissão dos sentidos, não pensou a tradição... a tradução como uma operação radical, na qual, de um lado, tradição é reinterpretada e, de outro lado, a teoria é posta em constante questionamento pela prática, não é verdade?, até eu acho que, em certo momento, a Teoria Literária é uma instância privilegiada, porque, quando se tenta substanciar aquele momento de interação, como fala Iser, fica se procurando o produtor e o leitor que será o reader, ora, o tradutor é o leitor, e não o leitor que você remonta conjecturalmente, mas o leitor concretizado no momento em que você faz a tradução. Todo tradutor é um leitor. Eu dei dois exemplos (a minha tradução e a de Roberto Schwarz para o poema O Teixuço estético, de Christian Morgenstern) quase (feitas) simultaneamente, que vão para duas leituras diferentes de um mesmo texto, num outro país, num outro espaço, numa outra língua. Isso poderia ser repetido em várias línguas, por exemplo, há várias traduções deste poeta para o inglês, alguém poderia recuperar este desenho, mas o tradutor é aquele leitor concreto, concretizado, como crítico, também; quer dizer, entre o receptor há dois privilegiados, o crítico e o tradutor. Hoje, quando a gente vai ler, por exemplo, Machado de Assis, sempre se lembra de Capistrano de Abreu, que disse que "Memórias póstumas de Brás Cubas, se bem me recorde, ou de Dom Casmurro, não era romance", então, a gente vai dizer "tá percebendo que aquilo era uma (leitura) ruptura da forma romanesca", ele foi um leitor historicizado, porque a sua impressão de leitura ele registrou numa crítica. Assim, o tradutor é obrigado a reconfigurar o

imaginário do produtor do texto original, ele fixa isso de uma maneira bastante completa (...), ele é obrigado a percorrer todo o percurso que fez o poeta original no seu poema. Neste modelo de interação entre produção e recepção, talvez, uma das instâncias mais agudas e mais privilegiadas e mais claras e até didática, para exemplificar, é a tradução. Então, eu acho que toda Teoria da Literatura, que queira assumir realmente o seu estatuto, tem que compreender um capítulo dos mais privilegiados que envolva a problemática da tradução, que você muito bem lembra, que está confinada com, está com fim, ou seja, tem em comum com a Teoria da Paródia, do canto paralelo, que é como eu penso a Teoria da Paródia, o que eu chamo de Plagiotropia, que é a reproposição do passado através de várias etapas de sincronia, ao longo da história, de uma memória não linear, mas muitas vezes oblíqua ou deformada, e, por outro lado, eu diria que têm outros problemas que são atuais, como o da Dialogia, do dialogismo bakhtiniano, que foi pensado em termos de intertextualidade pela Krieva, a tradição exemplifica isso a cada instância, a cada momento. De modo que eu não apenas acho que você tomou um rumo extremamente instigante no seu trabalho, mas entendo que esse questionamento, que eventualmente lhe seja feito, é o questionamento que parte de uma visão da Teoria da Literatura, não é a visão que você tem, que eu tenho, é a visão da teoria tradicional da tradução servil que, evidentemente, já so não nos interessa como problema para essa reflexão.

P. (Marcelo D.) - O cineasta Júlio Bressane fez o Tabu, que é o encontro imaginário de Oswald de Andrade com Lamartine Babo; ele tinha uma proposta de fazer um outro encontro imaginário entre os Irmãos Campos e Jorge Luis Borges, se você fosse o co-autor do roteiro o que falaria neste diálogo?

R. Eu me lembro deste projeto do Julinho, a propósito, eu cheguei a dar um nome, ele queria que fosse um diálogo, eu disse que achava melhor que fosse um filme só sobre o Borges, eu me lembrava que o Borges dizia que, como era cego, via só uma cor, o amarelo, assim, eu dei um título em castelhano para este projeto La Mirada Amarilla del Hombre de La Esquina Rosada, fazendo um jogo com um texto de Borges. Nunca chegou a realizar isso, embora, eu me lembro que, várias vezes, o

Julinho falou com o Borges ao telefone, mas houve dificuldade de ordem material, etc. Agora, se eventualmente, eu tivesse essa conjunção constelar e astral (nunca o conheci pessoalmente, Augusto, sim, chegou a visitá-lo em Buenos Aires) , (...). Eu considerava o Borges o maior escritor vivo e achava até que o Borges era um exemplo quando eu via, constantemente, retornar essa tese de que o escritor latino-americano não pode produzir literatura universal, porque Sílvio Romero disse que Machado de Assis não podia, enfim, problema do Sílvio Romero, eu acho estranho que se consiga formular essa questão quando o Borges era o maior escritor vivo, quando o Octavio Paz não é só o maior poeta da língua hispânica, mas um dos poetas mais importantes do mundo; hoje, eu diria que na Alemanha não tem um poeta da importância do Paz, eu digo de importância cultural inclusive; eu diria que o Cabral é um poeta que tem o que dizer, eu não vou comparar valores, embora, um pouco menos conhecido que o Paz, um pouco por causa do isolamento do português, ele tem a mesma dimensão; (...) então, eu considerava o Borges o maior escritor vivo, ele era uma espécie de encarnação da própria literatura, inclusive, ele reduziu ao absurdo a hipótese de que o escritor latino-americano deva fazer literatura subdesenvolvida, isto, de fato, eu acho um discurso pobre, enfim, não se sustenta, um discurso ressentido, como se a existência de Borges e sua universalidade, do Paz, do Lesama Lima, e eu poderia ir num crescendo... então (este filme-encontro), realmente é uma conjuntura que me deixaria (honrado), encontrar-me com aquele escritor que eu considero o maior, o A literatura, seria como se eu encontrasse com a literatura ontologizada apresentada, não através de sua aparência, mas através de sua essência, então, a única coisa que eu pudesse dizer a ele seria "nós não estamos nos encontrando aqui, nos encontraremos no Aleph".

- II -

QUE CAMINHOS TRADUZEM BORGES ?

na "Bibliografia Brasileira de Literatura de Referência" da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, sob a direção de São Paulo, SP, em colaboração com o Centro de Estudos de Referência da Universidade de São Paulo, em SP, São Paulo, SP, 1988.

Publicações do Instituto de Referência da Universidade de São Paulo